

PRETI, Dino. (Org.) *Oralidade em textos escritos*. Projetos Paralelos – NURC/SP. V.10. São Paulo: Humanitas, 2009, 316p.

*Zilda Gaspar Oliveira de Aquino\**

A obra reúne trabalhos do grupo de pesquisa que integra o Projeto da Norma Urbana Culta, núcleo de São Paulo – (NURC/SP) e que vem produzindo anualmente os volumes da Série Projetos Paralelos. O coordenador do projeto e organizador da série é o Prof. Dr. Dino Preti, titular de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo – onde o Projeto encontra-se sediado – e atual professor titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

*Oralidade em textos escritos* corresponde ao 10º volume da série, lançado em 2009. Os capítulos que o constituem voltam-se, especialmente, às marcas de oralidade presentes nos textos escritos. São abordados diversos gêneros do discurso, o que propicia ao leitor a apreensão do fenômeno de modo mais abrangente. Perpassa de textos literários a textos da mídia jornalística impressa, possibilitando a constatação dos diferentes domínios discursivos em que a escrita, de algum modo, divide seu espaço com a oralidade. Nele estão reproduzidos os trabalhos dos seguintes estudiosos: Leonor Lopes Fávero, Hudinilson Urbano, Diana Luz Pessoa de Barros, Luiz Antônio da Silva, Marli Quadros Leite, José Gaston Hilgert, Maria Lúcia C. V. O. Andrade, Paulo T. Galembeck, Wilma T. L. Gerab e Jahilda L. Almeida.

A cada volume o grupo convida um pesquisador externo ao NURC/SP, a quem é dado o espaço inaugural da obra. No exemplar em questão, a abertura é feita por Maria Helena de Moura Neves, professora titular da Universidade Estadual Paulista – (campus Araraquara) e atual professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie. O texto “Fala e escrita: a mesma gramática?” abre espaço às discussões ao defender a existência de sistema único, não monolítico, para as duas modalidades, mas defende “também a pertinência dos estudos do português falado sob um aparato teórico que contemple suas especificidades, segundo uma visão que transcende o núcleo duro da gramática”.

Observa que as diferenças entre gêneros, as condições de produção e recepção, a natureza do suporte colaboram para que se compreendam as especificidades dessa modalidade da língua. Acredita existir uma regularidade peculiar à língua que permita utilizar procedimentos em qualquer modalidade e refere-se à correção, repetição, topicalização, parêntese e relevo, para indicar que “as determinações do sistema se resolvem diferentemente (...) nos diferentes gêneros que se abrigam em cada modalidade”.

A pesquisadora ressalta que se deva excluir “qualquer rigidez de dicotomização”, tendo em vista que nenhuma modalidade constitui padrão único. Diana Luz P. Barros, no artigo “Linguagem popular e oralidade: efeitos de sentido no discurso”, trata dos temas e

---

\*Professora da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, São Paulo, Brasil; ziaquino@usp.br

figuras e de suas relações entre efeitos de oralidade e popularização. A autora traça um percurso desde as primeiras gramáticas até alcançar o discurso político, em que destaca os procedimentos discursivos utilizados pelo Presidente Lula. Observa que “Temas complexos e abstratos são, assim, figurativizados e tornam-se mais palpáveis e facilmente apreensíveis” na linguagem presidencial. Ressalta os efeitos de sentido da oralidade – proximidade, informalidade, reciprocidade, falta de acabamento, caráter passageiro.

“Do falado ao escrito e vice-versa”, artigo de Marli Quadros Leite, volta-se ao estudo da norma, para mostrar o efeito de sentido de realidade e presentificação alcançado pelo trabalho de alguns escritores e roteiristas a partir do emprego da oralidade nos diálogos. Confronta o diálogo literário com os roteiros apresentados pela TV, valendo-se de contos (de Rubem Fonseca), romances (Nelson Rodrigues) e roteiros de minisséries para a TV (Leopoldo Serran/ Lauro César Muniz/ Marcílio Moraes), para mostrar um paradoxo: o diálogo real não tem a beleza, a força do diálogo, imitado pela ficção. Destaca a arte da estilização que opera no diálogo literário.

Hudinilson Urbano, em “Recursos fraseológicos populares em crônicas”, observa o efeito dos ditados populares, expressões idiomáticas metafóricas e provérbios, na crônica jornalística. Trata-se do quarto trabalho do pesquisador sobre o tema para o qual selecionou textos de cronistas contemporâneos como Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Mário Prata, Carlos Heitor Cony, citando, ainda, Machado de Assis.

Salienta haver no cronista uma cumplicidade com o povo que se revela por meio da linguagem agradável e interessante e que se estabelece na relação autor/leitor. Enfim, mostra o uso expressivo, volumoso e multifacetado dos recursos utilizados pelos cronistas.

Ao tratar da “Crônica e seu valor como documento da História”, Leonor Lopes Fávero procede a um retrospecto do conceito desse gênero e utiliza-se de crônicas de Carlos Eduardo Novaes para observar o processo interacional, as relações dialógicas que perpassam da oralidade à escrita, quer no que se refira às personagens do texto, quer na interação texto-leitores. A autora destaca o humor e a comicidade como elementos que favorecem a aproximação do leitor, instaurando-se uma interação geradora de sentidos. Salienta que a crônica revela, marca o modo como dado cronista relê a sociedade de seu tempo. Trata-se da releitura de espaços temporais e socioculturais que levam o leitor a participar da construção de sentidos.

Ainda sob a égide da crônica, Luiz Antonio da Silva analisa o trabalho de Luiz Vilela, “Oralidade em contos de Luiz Vilela”, para destacar que essa produção recorre aos diálogos construídos pela oralidade para se fazer próxima da realidade. Salienta que a construção do discurso faz-se a partir de modelos legados pela tradição cultural, aos quais nomeia modelos de textualidade.

Refere-se às zonas híbridas na crônica, em que se reconhecem elementos da escrituralidade e da oralidade, e observa que esse cronista “busca mostrar espontaneidade na interação entre suas personagens”. Procede a um levantamento das marcas da oralidade que perpassam dos turnos aos papéis conversacionais, das marcas de simultaneidade entre planejamento e execução aos pares adjacentes e tópicos, da presença de repetições, paráfrases e correções aos elementos não-verbais, paralinguísticos e sinésicos e salienta o

caráter de espontaneidade marcada nas formulações das personagens pelo viés do autor. Ao concluir, reafirma a impossibilidade de se tratar fala e escrita por meio de posições dicotômicas.

Maria Lúcia Andrade, em seu artigo “A intimidade na ausência: um estudo de marcas de oralidade em cartas pessoais do século XIX”, trata do gênero epistolar a partir do conceito de *tradições discursivas* e serve-se da correspondência pessoal de Machado de Assis como *corpus*. O estudo faz convergir o pragmático e o diacrônico ao analisar o discurso numa abordagem direcionada a compor a história social do português do Brasil.

Apresenta as origens das cartas, caracteriza a carta pessoal e analisa a representação do sujeito nas cartas Machadianas, correspondência trocada entre 1860 e 1869. Os resultados são indicativos de que o *ethos* do sujeito-autor vai-se construindo desde a utilização de vocativos, que mostram uma relação subjetiva entre os interlocutores, ao tom de intimidade que se localiza nos enunciados e que garantem intimidade, confiança e proximidade, mesmo que na ausência.

O artigo seguinte “A oralidade em textos de divulgação científica para crianças”, de José Gaston Hilgert, faz conhecer os fatores enunciativos responsáveis pela presença da oralidade nesses textos. Analisa produções veiculadas pela revista *Ciência Hoje das Crianças On-line*, para enfatizar que o texto de divulgação científica constitui paráfrase explicativa.

Trata do perfil do leitor (criança) e salienta que, nesses textos, configura-se uma interação de proximidade entre quem sabe e quem não sabe; o caráter de dissimetria é marcante: a oralidade da criança *vs* a escrituralidade do autor. Tal fato encaminha a uma produção em que autor e leitor se confundem, em que “o sucesso da divulgação científica” vincula-se à seleção do que é passível de ser compreendido pelas crianças na fase de desenvolvimento linguístico em que se encontram.

Em “Marcas de oralidade em textos escolares”, Paulo Galembeck seleciona textos escolares de alunos de 8ª série do Ensino Fundamental para mostrar traços reveladores das dificuldades dos adolescentes ao produzirem seus textos escritos. Na análise da construção dos enunciados, o autor destaca que os alunos apresentam uma sequência tópica, mas não desenvolvem tópicos e subtópicos; o que resulta em texto sem aprofundamento de discussão. Há marcas de envolvimento do ouvinte, há marcadores de opinião e parênteses de esclarecimento que encaminham para o reconhecimento de uma sintaxe mais próxima do texto falado. Segundo o autor, tais traços são reveladores de que os alunos, após sete anos de escolaridade, ainda se mantêm próximos à formulação do texto falado.

Wilma Gerab, em “O discurso como ele é... na tragédia carioca de Nelson Rodrigues”, analisa diálogos da peça *Beijo no asfalto*, de Nelson Rodrigues, para mostrar a proximidade entre esses e os diálogos naturais, parte da campanha política para a Prefeitura de São Paulo. A autora observa que Nelson Rodrigues produz sua obra a partir “não somente da representação da língua correntemente praticada, em termos de léxico e de sintaxe, mas também sobre a imitação do discurso” formulado a partir de enunciados que representam a prática natural da língua portuguesa.

Trata de estereotipagem, metamensagens, subentendidos e pressuposição, para mostrar

que, nos diálogos dessa peça, “Não há idealização de como os personagens deveriam falar, mas discursos que representam a realidade dessas personagens”.

Em “Olhares diferentes, sentidos opostos, referentes iguais”, Jahilda Almeida analisa o discurso do teatrólogo paulista Plínio Marcos e destaca as marcas linguísticas selecionadas para a fala das personagens que revelam formas diferentes para designação do mesmo referente. A partir de uma análise extremamente refinada, ressalta que o comportamento social das personagens define os rumos do comportamento linguístico. Observa que, nos contextos discursivos determinados, “em que a referenciação é construída e sustentada, o referente deixa de ser objeto do mundo para ser objeto do discurso”.

Dino Preti apresenta, no último capítulo, “Entre o oral e o escrito: a transcrição das gravações”, uma descrição da experiência de transcrição do Projeto NURC/SP em que são tratadas as dificuldades enfrentadas e as decisões metodológicas tomadas na tarefa imprescindível de disponibilizar para pesquisa o material gravado na década de 70. Destaca a metodologia utilizada, as decisões tomadas (transcrição de base ortográfica, manutenção de fenômenos pragmáticos como pausa, hesitação, silabação, ênfase, truncamentos etc).

Discute questões direcionadas à importância de ter-se um transcritor com formação linguística, a dificuldades em torno de superposição de vozes, passando pela presença dos marcadores conversacionais (aí, né, éh, etc.). O autor refere-se, ainda, a seis pontos fundamentais que revelam seu conceito sobre transcrição da fala e o papel do transcritor.

Pode-se afirmar, pela análise da obra e pelo exposto, que esse exemplar da Série Estudos Paralelos, volume 10, organizado por Dino Preti, sem dúvida, corresponde a mais uma obra significativa que muito contribui para o melhor conhecimento de questões referentes à língua falada, modalidade ainda tão pouco explorada no universo dos estudos linguísticos em língua portuguesa, em suas relações com a língua escrita.